

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores
PAGINAÇÃO – César Antunes
IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735
DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

JOÃO MENDES ROSA. *In Memoriam.*

João Manuel Neves Mendes Rosa nasceu na Guarda, freguesia da Sé, a 14 de Fevereiro de 1968. Faleceu em Oeiras a 7 de Dezembro de 2021.

Foi ensaísta, ficcionista, poeta, historiador, museólogo, arqueólogo, dramaturgo e artista plástico.

Possuía duas licenciaturas, uma em Ensino de Educação Visual e Tecnológica e outra em História. Em 2006, obteve o grau de Mestre em Arqueologia pela Universidade de Salamanca, em 2008, apresenta na mesma Universidade a tese de “Grado de Salamanca” intitulada “Epigrafia Romana de Fundão (Castelo Branco, Portugal) y su contexto arqueológico”, aprovada pelo júri com nota máxima por unanimidade e louvor (*sobressaliente cum laude*).

Em Novembro daquele ano obtém o grau de Investigador da Universidade de Salamanca (Suficiência Investigadora) do Departamento de Pré-história, História Antiga e Arqueologia na área de Arqueologia da Paisagem e Epigrafia. Em 2010 era doutorando em Arqueologia pela Universidade de Salamanca, com a tese “A Sociedade Romana na Beira Interior através da Epigrafia Latina” que defenderá em Maio de 2016.

Como arqueólogo desenvolveu as seguintes acções: a realização de prospecções arqueológicas do período Romano no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia (2007); o Plano de Prospecções Arqueológicas no sítio romano da Quinta do Ouro, Fundão, IPA, (2006); o Plano de prospecções arqueológicas na *villa* romana de Santa Menina (Donas/Fundão), IPA; a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho do Fundão, em colaboração com a arqueóloga Joana Bizarro, aprovada pelo IGESPAR (2007). Foi ainda, codirector das escavações arqueológicas da *villa* romana de Ervedal (Castelo Novo, Fundão) aprovadas pelo IGESPAR, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, entre os anos de 2007 e 2010.

Na área da Museologia e Gestão do Património, foi Professor e formador do curso EFA “Técnico de Museografia e Gestão do Património” (2009-2010), (Pinus Verde, Barroca, Fundão), nos módulos: Património, Património Arqueológico, Património Arquitectónico, Património Etnográfico, Património e Turismo, A Exposição, Património e Comunidade e Projecto de Divulgação do Património.

Foi Coordenador do Gabinete do Património Histórico e Arqueológico da Câmara Municipal do Fundão e Chefe da Divisão Municipal do Património Histórico da Câmara Municipal do Fundão desde 2006.



Fig. 1 – João Mendes Rosa (n. Guarda, 1968; f. Oeiras, 2021). Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Foi Coordenador editorial e científico da revista *Eburobriga*, cujo Conselho editorial é constituído por académicos e investigadores de Espanha e Portugal.

De 2007 a 2015, assumiu as funções de Director do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, no Fundão, cargo que abandonou para, a 12 de Dezembro daquele ano, assumir a direcção do Museu da Guarda, cujas funções desempenhou até 31 de Maio de 2020. Em Junho de 2020 assume as funções de Chefe da Divisão de Cultura e Artes na Câmara Municipal de Oeiras.

Enquanto Museólogo, foi autor dos seguintes projectos de museus e espaços museológicos: o Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão, a Casa-Museu D. João de Oliveira Matos em Valverde, o Centro Museológico António Guterres em Donas; o Centro de Interpretação da *villa* romana do Ervedal, o Centro de Interpretação da Rota dos Castros, o Centro de Interpretação da Arte Rupestre (em parceria com o Museu do Côa), o Museu da Imprensa e Tipografia e diversas mostras museográficas patentes em vários pontos do país.

Foi colaborador da Diocese da Guarda para a área da Arte Sacra, tendo sido nomeado comissário diocesano do Centenário da República (2010).

Como Director do Museu da Guarda, implementou diversas iniciativas no âmbito da renovação e expansão do Museu e do seu acervo, sendo criados diversos espaços museológicos, com a renovação das salas de exposições permanentes e do respetivo programa expositivo, e ainda com a renovação e a criação de novas salas de exposições temporárias do Museu, bem como a constituição do Estúdio de Gravura e a Capela do Solar dos Póvoas.

Sob a sua Direcção, foram criadas diversas exposições de artistas contemporâneos de renome nacional e internacional, das quais foi curador, como Paula Rego, José Luís Coomonte, Júlio Pomar, Graça Morais, Rui Chafes, João Cutileiro, Cabrita Reis e muitos outros, e ainda a de obras de arte da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito de um protocolo de colaboração com o Município da Guarda. Desta panóplia de exposições destaca-se, a exposição dedicada a Santa-Rita Pintor (1889-1918), grande pintor do Primeiro Modernismo Português, cuja obra pioneira foi destruída pelos herdeiros a seu pedido. João Mendes Rosa localizou e trouxe para o Museu da Guarda uma pintura inédita da raríssima obra sobrevivente de Santa-Rita Pintor, “Orfeu nos Infernos”, de uma coleção privada, estando exposta no Museu entre 2018 e 2021, obtendo particular atenção por parte dos visitantes e dos historiadores de arte.

Em 2016 foi mentor e fundador, do 1.º SIAC – Simpósio Internacional de Arte Contemporânea da Cidade da Guarda. Com periodicidade anual, a iniciativa envolveu residências artísticas, exposições, cursos, workshops e palestras, resultando num interessante acervo de arte contemporânea para o Museu e para a cidade da Guarda. Destaca-se ainda o Campus Internacional de Escultura Contemporânea e a Via Pictórica, um conjunto de instalações bi-dimensionais dispersas por ruas e monumentos da cidade bem como vários murais de arte urbana de conceituados artistas.

Como museólogo recebeu os seguintes prémios da APOM, Associação Portuguesa de Museologia:

- Prémio de Melhor Museu Nacional (Menção Honrosa) – Museu do Fundão, 2008;
- Prémio de Melhor Revista científica Portuguesa – *Eburobriga* (1º Prémio), 2010;
- Prémio Nacional de Melhores Serviços Educativos – (1º Prémio), 2011;
- Prémio Incorporação (1º Prémio), 2013.

Com profundas convicções inter-culturalistas ibéricas, foi, desde 2005, o Coordenador português da participação de poetas lusos e subdirector do «Encuentro y Festival de Poesía y Arte en el Medio Rural – PAN» que se realiza anualmente em Morille, Salamanca.

Destacam-se ainda as seguintes iniciativas como Coordenador de colóquios e ciclos de conferências:

Coordenador científico do Ciclo de conferências intitulado «Jornadas d' Alpreada» (2002);

Coordenador das jornadas do «Centenário do Nascimento do Escritor Francisco Rolão Preto» (1993);

Coordenador científico das «Jornadas Comemorativas do Centenário de D. Fernando de Almeida» (2003);

Coordenador científico das «Jornadas Comemorativas dos 450 da morte de Leonardo Nunes», Castelo Branco (2004);

Coordenador das Comemorações dos 50 anos da Poesia de António Salvado, Castelo Branco, exposição alusiva e apresentação de livro comemorativo, 2006;

Coordenador das «I Jornadas de Arte Pré-histórica do Sudoeste Europeu», Barroca (2010);

Coordenador dos Colóquios de Arqueologia “Segredos do Subsolo” (2011);

Coordenador dos Colóquios MOUSEION - Plataforma transfronteiriça de Museus (2014).

Como artista plástico realizou inúmeras exposições individuais de pintura e escultura, estando representado em diversas colecções particulares e institucionais de Portugal e Espanha, das quais se destacam: Regimento de Infantaria do Porto, regimento de Infantaria de Chaves, Governo Civil de Castelo Branco, Câmara Municipal do Fundão, Câmara Municipal de Manteigas, Junta de Freguesia do Fundão e Junta de Freguesia de Valverde.

Publicou mais de uma trintena de livros de temáticas diversas, desde a poesia ao romance, aos estudos arqueológicos, museográficos e artísticos, passando pela investigação histórica, o conto e teatro.

Foi colaborador regular da RTP no âmbito de documentários sobre temática patrimonial e colaborador das Revistas “Munda” (Coimbra, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro) e “Cielo Salamanca” (Salamanca).

Colaborou habitualmente com artigos de opinião, em assuntos relacionados com o Património cultural, História e História da Arte em diversos jornais, como “Correio da Manhã”, “Jornal do Fundão”, “Gazeta do Interior”, “Notícias da Covilhã” e “Serras de Ansião”.

Síntese curricular elaborada por Maria da Conceição André (CEACO/CMO) com base na informação sobre João Mendes disponibilizada pela Dr.^a Joana Bizarro (Museu Municipal José Monteiro, do Fundão), pelo Museu da Guarda, a par de dados recolhidos de notícias a seguir referidas e em parte sucintamente mencionadas nas anteriores informações: “Jornal o Interior – Diário das Beiras e Serra da Estrela”, de 15/12/21; “Guarda Notícias” de 7/12/2021; Rádio da Covilhã de 8/12/21; “Jornal do Fundão” de 18/5/20 – aquando da sua entrada na CMO.

DOIS DEPOIMENTOS

João Mendes Rosa – um homem monumental

De uma forma ou de outra, todos somos pessoas em construção.

Não é só uma construção célula a célula, desde o ventre materno, até atingirmos o pico de altura lá para a idade de jovens adultos. Não é só o olhar que se educa pelas formas como quem nos educa nos educa, pelas formas como escapamos aos olhares educadores e fazemos o observatório sobre nós, sobre os outros, sobre o mundo. Não é só as roupas que nos deram a vestir quando pequeninos ou aquelas que escolhemos ou podemos escolher, quando somos “grandes”. Não é, ainda, e só, os diplomas que recebemos nas etapas formativas ou os trabalhos que fazemos. Todas estas coisas acrescentam ao corpo e ao espírito, criam sedimentos,

alturas, larguras, marcas, geometrias. Tornamo-nos, desde o princípio, seres fisicamente tridimensionais e espiritualmente seremos ou não, conforme as construções dentro, mais ou menos como as mulas a quem se põem viseiras para que não percam a orientação para um certo caminho, o caminho que é suposto a mula percorrer, da eira ao estábulo, do estábulo à eira.

Cada pessoa constrói-se e é construída. Somos, todos, edifícios em movimento, esculturas vivas, monumentos, hinos. E como edifícios, esculturas, monumentos ou hinos, ganhamos e padecemos da condição estética – há maior ou menos equilíbrio nos gestos, elegância, agilidade, sofisticação, cuidado, espessura.

O João Mendes Rosa construiu-se monumentalmente. Escritor, poeta, ensaísta, artista, arqueólogo, museólogo, professor, administrador da coisa pública. Se olharmos de perto o produto do seu esforço em cada um destes campos podemos verificar a singularidade do homem. O João construiu com equilíbrio, elegância, agilidade, sofisticação, espessura, não só o seu corpo e espírito, não só a sua forma de apresentação aos outros, mas também os seus trabalhos, as suas obras. Um esteta no sentido interno e externo. Não sendo, como será de esperar de qualquer ser humano, uma pessoa perfeita, demonstrou e deu sinal marcante da capacidade singular de uma heteronímia científica, artística e técnica extraordinárias.

A sua saúde ressentiu-se. O seu esforço pagou preços nele e nos que lhe eram próximos. É sempre assim, quando se procura construir acima da linha de água. Respirar não é, necessariamente, um ato natural e muscular. Respirar exige, também, exigência e partilha, por vezes num oxigénio comum que torna raro o sopro do encontro.

A construção da monumentalidade gera sempre solidão. Se é verdade que todos somos, estruturalmente sós – pois ninguém pode viver as nossas próprias dores e alegrias com a mesma efetividade – alguns entre nós, pela natureza dos seus gestos e construções, precisam de maior largura de espaço em torno, para poder erguer os tijolos sucessivos de dada casa. O João Mendes Rosa construiu várias casas – livros, festivais, exposições, foras, programas. Construiu uma família e muitas amizades. Agora que nos deixa, a sua monumentalidade pode alimentar como exemplo de dedicação e resultado. Dois substantivos raros e essenciais.

Jorge Barreto Xavier

João Mendes Rosa, ou a expressão da excepcionalidade

Conheci o João como aluno da Universidade Aberta, onde obtive a Licenciatura em História, numa fase de pleno amadurecimento do seu trajecto profissional, pois era já o Coordenador do Gabinete do Património Histórico e Arqueológico da Câmara Municipal do Fundão, desde 1996, autarquia onde, em 2006, assumiria chefia da divisão do Património Histórico e, a partir de 2007 a direcção do Museu Arqueológico Municipal. Em 2003 estreitámos os laços, aquando da evocação que fiz no centenário do nascimento do ilustre arqueólogo e académico Prof. Fernando de Almeida, natural de Alcaide (Fundão), na Academia Portuguesa da História, a qual foi publicada pouco depois na revista *Eburobriga*, por si coordenada. A partir dessa altura, os contactos estreitaram-se, pois havia entre nós uma partilha de convicções acerca do lugar e do papel da Arqueologia e do Património Cultural na sociedade: ambos estávamos plenamente conscientes que importava concretizar iniciativas, depois de fixados os princípios, nas autarquias onde ambos desempenhávamos funções. Foi assim que naturalmente surgiram as revistas de Arqueologia que ambos animávamos, em Oeiras, primeiro, os *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no Fundão, depois, a revista *Eburobriga*, de objectivos comuns. Foi também essa

partilha de ideais e de saberes que conduziu à organização de espaços museológicos de natureza arqueológica, tanto em Oeiras, como no Fundão. Foi, enfim, essa mesma partilha de objectivos, que explica a organização de reuniões científicas nacionais e internacionais de natureza arqueológica nas terras em que ambos vínhamos trabalhando. Essa partilha explica o reforço dos nossos laços pessoais e institucionais. Assim, por duas vezes fui seu convidado no Museu do Fundão, a primeira vez em Abril de 2009, quando tive a honra de apresentar o livro “Através das Beiras” da nossa amiga comum, e hoje Catedrática da Universidade de Coimbra, a Doutora Raquel Vilaça, cujo texto foi acolhido, uma vez mais, na revista Ebuobriga.



Fig. 2 – Apresentação do livro “Através das Beiras”, de Raquel Vilaça, com João Mendes Rosa, à esquerda da autora e João Luís Cardoso, à sua direita. Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Em Maio de 2010 tive de novo o prazer de, durante uns dias, ter a companhia do João, nas Primeiras Jornadas de Arte pré-Histórica do Sudoeste Europeu por ele organizadas: era a faceta do esteta e do historiador de arte que assim também se afirmava, procurando a síntese com a arqueologia, na pesquisa de novos caminhos de pesquisa, que foi uma constante da sua vida. Foi inesquecível a tarde em que descemos a pé, ao longo das margens, o rio Zêzere em busca das gravuras rupestres da Barroca, cuja descoberta acabava de ser feita, guiados pelo entusiasmo do João! A sua ligação à arte pré-histórica ficará também para sempre marcada pelo estudo e publicação da notável estela da Idade do Bronze de Telhado, aldeia do Fundão, identificada a 31 de Maio de 2012.



Fig. 3 – João Mendes Rosa em pleno registo gráfico da estela do Bronze Final de Telhado, Fundão. Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Trata-se de notável exemplar das designadas “estela de guerreiro” da Idade do Bronze, com a representação dos atributos do guerreiro e do seu prestígio, típicos em tal tipo de exemplares, por ele cuidadosamente registados graficamente. A fotografia que fixou esses momentos de solidão e de encontro, dizem tudo quanto a forma como o João fazia e sentia a arqueologia, que se repercutia em muitas outras actividades onde o seu poder criativo poderia ter ainda maior liberdade para se exprimir, como a poesia, as artes plásticas, e a literatura, entre outras. Foram essas capacidades, tão raras, que faziam dele um ser complexo e excepcional, como um humanista do Renascimento, em permanente procura do conhecimento. Assim se explica, depois de ter sido director do Museu da Guarda, entre 2015 e 2020, o ingresso, em Junho desse ano, na Câmara Municipal de Oeiras, para assumir a chefia da divisão de Cultura e Artes, onde o seu espírito, sempre tão inovador quanto insatisfeito, iria conhecer a plenitude da afirmação, fazendo a diferença. Infelizmente a severidade imposta pelo período de plena pandemia em que se

vivia, não favoreceu tais desígnios. O João, com o empenho que sempre dispensou a tudo o que acreditava, não vacilou, recorrendo às reservas da sua enorme generosidade, mas as forças nem sempre acompanham os mais audazes e preparados...

Deixou-nos um imenso legado, consubstanciado em obra feita, sólida e duradoura, concebida desde sempre em prol dos outros, jamais dele próprio, vincando o seu exemplo de humildade e de disponibilidade, que explica o fascínio que despertava em todos os que com ele partilharam cumplicidades e afectos, na construção de ideais comuns.

João Luís Cardoso

